

CONSTRUÇÕES COM PRONOMES LOCATIVOS (LOC) DO TIPO LOCV E VLOC NO PB E NO PE: CORRESPONDÊNCIAS E DISTINÇÕES

GRAMMATICAL CONSTRUCTIONS WITH LOCATIVE
PRONOUNS (LOC) OF THE LOCVANDVLOCTYPE IN EP
AND BP: CORRESPONDENCES AND DISTINCTIONS

MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA¹

Universidade Federal Fluminense

mariangela.rios@terra.com.br

HANNA BATORÉO

Universidade Aberta

hannabatoreo@hotmail.com

O presente artigo objetiva a descrição e a análise de expressões verbais formadas por pronomes locativos, interpretadas como instâncias de dois padrões construcionais, LocV e VLoc, a funcionar na conexão textual, como *aí vem* e *lá vai*, e na marcação discursiva, como *vá lá* e *olha aqui*. Procede-se à abordagem das referidas expressões no PB e no PE, focalizando correspondências e distinções. Sob a orientação teórica da linguística centrada no uso, com base no Funcionalismo e no Cognitivismo, na linha de Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010), Goldberg (2006), entre outros, constata-se

¹ Este artigo é fruto de projetos acadêmicos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF, com apoio do CNPq, da Capes e da Faperj, instituições as quais agradecemos a parceria.

que as duas variedades trilham caminhos análogos e, de outra parte, apresentam distinções de uso. Os resultados apontam que a gramaticalização de construções, a depender da norma – PB ou PE, pode assumir traços mais específicos, com distinção de visibilidade e de ritmo ao nível das mudanças construcionais. Essas diferenças têm a ver com motivações pragmáticas e estruturais específicas.

Palavras-chave: construções gramaticais; gramaticalização; língua em uso; língua portuguesa (PE e PB); construções com pronomes locativos: *LocV* e *VLoc*.

In the present paper we aim to analyse Portuguese verbal expressions formed with locative pronouns that are part of the discursive markers formed with constructional patterns of either the *LocV* type, as in *aí vem* (lit. ‘here it comes’), or of the *VLoc* type, as in *olha aí* (lit. ‘look here’). The study is carried out on the basis of contemporary Portuguese language corpora, both EP and BP, and with the theoretical background of language-in-use orientation of both Cognitive Linguistics and Functional Linguistics, as postulated in Traugott and Trousdale (2013), Bybee (2010) and Goldberg (2006), among others. The results indicate that the grammaticalization of the two types of constructions in the two main national varieties of Portuguese shares the same constructional patterns but varies according to the language usage in a given variety, showing different rhythms of grammaticalization changes due to different structural and pragmatic motivations.

Keywords: grammatical constructions; grammaticalization; language-in-use; Portuguese language (European Portuguese and Brazilian Portuguese); constructions with locative pronouns: *LocV* and *VLoc*.

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo, levantamos, descrevemos e analisamos contrastivamente dois padrões de uso, constituídos por verbo (V) e pronome locativo (Loc), no português brasileiro (PB) e no português

européu (PE) contemporâneos. Assumimos que os referidos padrões, em seu estágio de maior vinculação interna de sentido e forma, cumprem funções gramaticais específicas, consideradas como processo de gramaticalização. Fazemos referência à *construção conectora textual*, formada por pronome locativo e verbo (doravante LocV_{CT}), como apresentado em (1), extraído de Oliveira e Rocha (2011: 163) e em (2), retirado do jornal português *O Público*², e à *construção marcadora discursiva* (doravante VLoc_{MD}), como em (3), extraído de Teixeira e Oliveira (2012: 22), e em (4), também de *O Público*:

1. Este chacra é um mestre que nos faz ouvir a inteligência cósmica, e então sabemos que rumo tomar. **Daqui vem** a capacidade de canalizar sem desligamento da matéria. (<http://www.astrologianaweb.com.br/chacras.php>, acesso em 15/06/2009)
2. Pode-se saltar de página para página, seguindo uma trajectória que se expande como se de uma infinita teia de aranha se tratasse -- e **daí vem** a própria designação de World Wide Web. (*par=ext853592-com-97b-1*.)
3. Pela madrugada julgava impossível escrevê-lo, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: - **Vê lá**, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse. Sentei-me. E escrevi assim o meu primeiro artigo. (Site Corpus do português, João do Rio)
4. Conta-se que, nos meios investigatórios e nas prisões, existem «angariadores de clientes» mediante percentagem: «**vê lá**, eu é que estou a investigar o caso, há aqui este meu amigo advogado que te pode ajudar...” (*par=ext1046067-nd-97a-2*.)

Nos fragmentos de (1) a (4), as expressões destacadas, respectivamente **(d)aquí vem** e **vê lá**, se encontram altamente entrincheiradas, tanto em termos de sentido quanto de forma. Em tais contextos, as subpartes envolvidas (pronome locativo e verbo) se destituem de

2 Todos os excertos relativos ao jornal português *O Público* provêm do site da Linguateca (<http://www.linguateca.pt/cetempublico/>)

traços das categorias originais, com consequente perda de sentido mais referencial ou lexical. Assim vinculadas do ponto de vista semântico e sintático, as aludidas expressões migram para classes mais gramaticais: a) a dos conectores, no caso de (1) e (2), em que **(d) aqui vem** funciona na articulação lógica de todo o fragmento, concorrendo para o sentido consecutivo do período que introduz face ao primeiro; b) a dos marcadores, verificado em (3) e (4), quando **vê lá**, mais desvinculado em termos semântico-sintáticos do fragmento em que se insere, atua como mecanismo de injunção, orientado para o interlocutor.

De acordo com os fundamentos teóricos que nos orientam, alicerçados na *linguística centrada no uso* (Traugott e Trousdale 2013; Bybee 2010), consideramos que as expressões **(d) aqui vem** e **vê lá**, como instanciações respectivamente de $LocV_{CT}$ e $VLoc_{MD}$, resultam de processo de construcionalização ou mudança construcional na gramática do português. Nessa perspectiva, assumimos que $LocV_{CT}$ e $VLoc_{MD}$, como macroconstruções da língua, nos termos de Traugott (2012; 2008; no prelo), são resultantes de rotas de construcionalização de contextos específicos, marcados por certas particularidades discursivo-pragmáticas, como a articulação de sentido (inter)subjetivo e inferencial e a maior abstração das subpartes envolvidas nesses usos, ou seja, do elemento originalmente verbal e do pronome locativo.

De outra parte, levando em conta o PB e o PE, defendemos que tais rotas apresentam correspondências, como as verificadas nos dois pares de exemplos apresentados anteriormente, e ainda aponham certas distinções, principalmente nas instanciações da $VLoc_{MD}$, tratadas mais especificamente na seção 4 deste artigo. Assim posto, os resultados a que chegamos fortalecem a hipótese de que, na abordagem da mudança gramatical de uma língua, como a portuguesa, é preciso levar em conta os contextos específicos, tais como os estruturais, os sócio-históricos e os cognitivos, em que os usos ocorrem, uma vez que as especificidades referidas podem motivar padrões de uso também particulares a cada variante. Assim, consideramos ser possível abordar a gramaticalização sob duas perspectivas distintas e complementares – como processo amplo e geral e, também, como

mecanismo submetido às contingências de uso local. Como essas duas perspectivas não têm sido tratadas mais sistematicamente no conjunto dos estudos da mudança gramatical por construcionalização, consideramos que nossos resultados são promissores não só no sentido de melhor entendermos como se processa a mudança categorial numa dada língua em suas duas variedades nacionais – o PB e o PE, como também de poder contribuir para o refinamento teórico dos pressupostos dessa vertente de pesquisa.

Para dar conta de nossos objetivos no presente artigo, utilizamos fontes empíricas distintas do português contemporâneo, em viés qualitativo e quantitativo. Para o PB, na pesquisa da $LocV_{CT}$, trabalhamos com os dados de Rocha (2011) e Oliveira e Rocha (2011), em sua grande maioria extraídos de blogs brasileiros; na seção sobre a $VLoc_{MD}$, trabalhamos com dados de Teixeira³ (2010) e Teixeira e Oliveira (2012), retirados de sites do Brasil e de outros textos de circulação nacional. Para o PE, utilizamos como fonte básica o jornal diário *O Público*, com cerca de 191 milhões de palavras.

O artigo encontra-se dividido em quatro seções maiores. Na primeira, apresentamos os fundamentos teóricos definidores da *linguística centrada no uso*, a partir da correlação entre pressupostos funcionalistas e cognitivistas. Na segunda seção, dedicamo-nos à descrição e análise da $LocV_{CT}$ no PB e no PE, com destaque para os pontos de correspondência em tais usos. Na terceira seção, o foco recai na $VLoc_{MD}$, enfatizando os traços mais salientes que distinguem as duas variantes nesse âmbito. Na quarta seção, dedicada às considerações finais, sintetizamos os resultados obtidos e apontamos encaminhamentos de pesquisa, em termos de continuidade da investigação empírica e do refinamento teórico que os aludidos resultados ensejam.

3 Ana Claudia Machado Teixeira dá continuidade à sua pesquisa sobre a $VLoc_{MD}$, agora sob forma de tese de doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, em que examina tal construção em perspectiva histórica.

2. PRESSUPOSTOS DA *LINGÜÍSTICA CENTRADA NO USO*

Os fundamentos teóricos que nos orientam estão alicerçados na mais recente tendência de pesquisa resultante do diálogo entre o funcionalismo linguístico e o cognitivismo, nomeada de *lingüística centrada no uso*⁴, conforme exposto em Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010), entre outros. Sob esse rótulo, o interesse recai em padrões convencionais de uso, em expressões que são produzidas e recebidas como um todo de sentido e forma, e que passam a cumprir funções mais gramaticais ou discursivo-pragmáticas na língua, como as instanciações de LocV_{CT} e VLoc_{MD} abordadas neste artigo. Trata-se de uma vertente de investigação que compatibiliza os estudos sobre a mudança gramatical, seus níveis e subprincípios (Noël 2007; Traugott 2008, 2012, no prelo; Diewald 2006) e a abordagem construcional da gramática (Goldberg 1995, 2006; Croft 2000).

De acordo com tal perspectiva, os usos linguísticos e sua convencionalização resultam da atuação, em conjunto, de três fatores: os estruturais, os sócio-históricos e os cognitivos. Assim posto, a análise linguística deve considerar, respectivamente, os aspectos formais que moldam a convenção gramatical, os fatores pragmático-comunicativos envolvidos nas interações, como os textuais e os situacionais, e ainda os atinentes à perspectivização, às derivações metafóricas e demais aspectos associativos. Trata-se, pois, de uma abordagem holística, que compatibiliza o viés qualitativo e o quantitativo, com foco nas relações contextuais, em seus diversos níveis.

Nossos objetos de pesquisa são considerados instanciações de construções, definidas estas como modelos esquemáticos em que forma e sentido se encontram entrincheirados. De acordo com tal perspectiva, como Goldberg (1995, 2006), Croft (2000) e Croft e Cruse (2004), consideramos que o sentido construcional não corresponde à soma dos componentes internos da construção; por outro lado, defendemos que cada subparte, com seu sentido, concorre para

4 Termo traduzido do inglês *usage based language*, como assumido no Brasil por Martelotta (2011).

a instauração do sentido geral construcional. Assim é que, por exemplo, em relação a **(d) aqui vem e vê lá**, concernentes aos fragmentos de (1) a (4), apresentados na seção anterior, ainda que a função conectora textual e marcadora discursiva, respectivamente, não seja atingida a partir da consideração da soma dos sentidos de Loc e V, cada um desses componentes contribui para a instauração do sentido construcional, de modo que se tivéssemos, por exemplo, padrões como **daí concluo** ou **espera lá**, chegaríamos a sentidos mais ou menos distintos.

Em consonância com a estreita relação entre sentido e forma na perspectiva construcional, assumimos a proposta de Croft e Cruse (2004: 258) e Croft (2000: 18), a partir de seu modelo para a estrutura simbólica da construção, conforme demonstra a Figura 1:

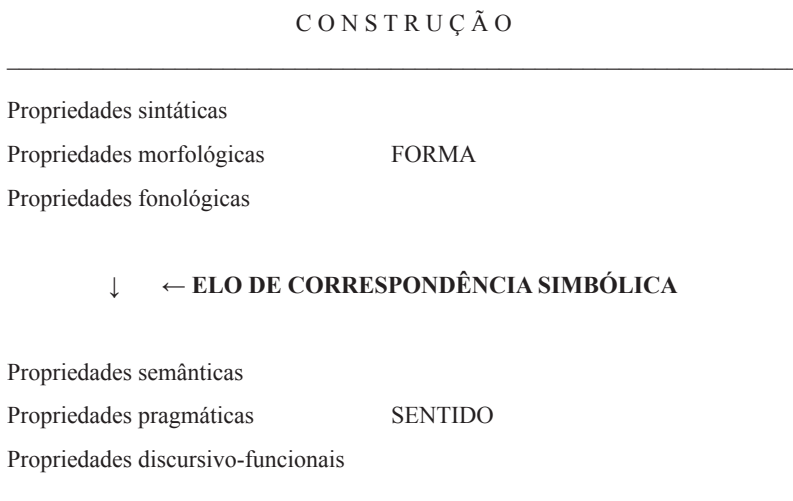


Figura 1: Propriedades de forma e sentido da construção

Como podemos observar, os autores propõem um modelo que procura dar conta de todos os níveis de uso de uma dada construção, tanto em termos de suas propriedades formais quanto de suas propriedades referenciais. A conexão entre convencionalização de

sentido e forma é interna à construção, envolvendo aspectos mais arbitrários e outros mais motivados. Trata-se, portanto, de um modelo holístico de abordagem construcional, que procura dar conta das distintas dimensões aí envolvidas e suas interfaces, modelo que também aqui adotamos.

Entendemos hoje a gramaticalização, conforme Trousdale (2008) e Traugott (2008, 2012), como o surgimento ou a instanciação de construções mais esquemáticas, cumpridoras de funções gramaticais, tais como a conectora (no caso da $LocV_{CT}$) e a marcadora (no caso da $VLoc_{MD}$), por exemplo. Nessa reorientação do conceito de gramaticalização, ganham destaque as relações associativas ou metonímicas, como apontam Traugott e Dasher (2005), Bybee (2010) e, no Brasil, defendem Martelotta e Alonso (2012) e Oliveira (2012a). Assim, combinações contextuais passam a motivar metaforização, tomada agora como consequente e derivada de relações associativas. Em outros termos, trata-se de reequilibrar a relação entre função e forma, de modo que, da concepção funcionalista clássica, que deriva diretamente a forma da função (função > forma), passamos, agora, a uma visão que correlaciona ambas as dimensões, em que uma implica a outra e vice-versa (função \Leftrightarrow forma), conforme defendemos em Oliveira (no prelo).

A abordagem construcional da gramaticalização lança luz também sobre o papel dos interlocutores, dos usuários envolvidos nas práticas interacionais, tal como defendem Traugott e Dasher (2005) e Bybee (2003, 2006, 2010). Nesse sentido, o caminho da gramaticalização é também a rota do incremento das pressões subjetivas e intersubjetivas, no entendimento de que a expressão de crenças, valores e atitudes, por parte do locutor (*subjetivização*), e sua atuação no convencimento do interlocutor (*intersubjetivização*) são etapas da mudança gramatical, estabelecendo-se o gradiente *objetividade* > *subjetividade* > *intersubjetividade*. Essas etapas são cumpridas por intermédio de *inferência sugerida*⁵, entendida, de acordo com Traugott e Dasher (2005), como a estratégia segundo a qual o locu-

5 Termo usado no âmbito do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* como tradução do original *invited inference*, proveniente de Traugott e Dasher (2005).

tor convida o interlocutor a partilhar suas crenças, opiniões e convicções, lançando de formas à disposição da língua, por regra com sentido referencial, para a instauração de sentidos mais gramaticais ou processuais (no caso da $LocV_{CT}$) ou discursivo-pragmáticos (no caso da $VLoc_{MD}$).

Na perspectiva da gramaticalização de construções, entendemos, como Traugott (2010, 2012, no prelo), que se pode estabelecer um gradiente entre construções lexicais e gramaticais, em que as segundas perdem conteúdo referencial, em prol do cumprimento de funções mais processuais, relacionais ou pragmáticas. Assim, conforme Noël (2007), assumimos que, do conjunto geral de construções da língua, de suas variadas *esquematisações*, interessam ao funcionalismo baseado no uso aquelas que cumprem rota na direção de funções mais gramaticais, ou seja, aquelas que passam por gramaticalização, tal como acontece no caso da $LocV_{CT}$ e da $VLoc_{MD}$.

Assumimos aqui, como Traugott (2012), a distinção entre *construcionalização* e *mudança construcional*. De acordo com a autora, a construcionalização diz respeito a um tipo de mudança processada por intermédio de pequenos passos, no qual novas combinações de subpartes tomam lugar. Na construcionalização, verifica-se diminuição de analisabilidade (isto é, nível de acessibilidade formal das subpartes) e de composicionalidade (entendida como nível de acessibilidade semântica das subpartes), acompanhada de correspondente aumento de esquematicidade (abstração e vinculação semântico-sintática) e produtividade (desenvolvimento de novos tipos de construção e extensão de padrões existentes para novos tipos – *host-class*⁶). Tal concepção significa que mudanças localizadas, que atingem somente a forma ou o sentido, embora tomadas como mudança gramatical, não chegam a constituir construcionalização.

De acordo com Traugott (2010, 2012), a mudança construcional, por outro lado, atinge subparte(s) de um esquema construcional. Esse atingimento pode se dar no aspecto semântico, sintático,

6 Termo usado na linguística centrada no uso (Traugott 2012) em referência a uma classe matriz, que se convencionaliza, via gramaticalização, e passa a funcionar como modelo para a criação de novos usos.

morfofonológico ou no de colocação. Trata-se de alteração mais localizada, que, embora muito produtiva na língua, não chega a constituir, por si só, uma nova esquematização. Assim, podemos dizer que construcionalização pressupõe mudança construcional, porém constatamos que a recíproca não é verdadeira, uma vez que nem toda mudança construcional deriva em construcionalização. Defendemos, como Bybee (2010), que trajetórias de construcionalização devem ser detectadas em exemplares categoriais, nos membros que mais prototipicamente representam a categoria. Assim, a partir de fatores de ordem cognitiva, como a perspectivização espacial, e de frequência *type vs token*⁷, consideramos que expressões formadas por verbos de movimento ou estativos, como *ir*, *vir* e *estar*, e por pronomes da classe dos locativos, como *aqui* e *lá*, inseridos em sequências cujo *frame* é menos espacial, como as expositivas, configuram-se como os contextos motivadores da mudança construcional e consequente construcionalização de LocV_{CT} (como **(d) aqui vem**) e de VLoc_{MD} (como **vê lá**).

De outra parte, uma vez convencionalizados os esquemas gerais LocV_{CT} e VLoc_{MD} , tais modelos podem deflagrar um novo processo de mudança construcional, a analogização. De acordo com Fischer (2009), os interlocutores, a partir do reconhecimento de padrões de uso exemplares e de perspectiva categorial, desenvolvem e fixam novas formas de dizer. Trata-se de processo estensional, que replica e amplia outros usos já consagrados na língua, fundados em modelos esquemáticos disponíveis. Também conforme Traugott (2012, no prelo), Bybee (2010) e Fischer (2009), a analogização é entendida por nós como gramaticalização, como um tipo de mudança construcional recriador de padrões gramaticais, estendendo esses padrões para novos tipos e contextos de uso ou *host-class*.

Na pesquisa da construcionalização e da mudança construcional de nossos objetos de pesquisa, assumimos, como Traugott (2012) a seguinte perspectiva de abordagem construcional, que capta quatro

7 A respeito da distinção entre frequência *type* e *token*, orientamo-nos por Bybee (2003), no contraste, no caso de *type*, entre um padrão de frequência, um tipo de arranjo em recorrência total, e, no caso de *token*, a frequência de cada instanciação, em seu uso específico.

níveis distintos de esquematicidade, dos quais três constituem *types*, ou tipos de construção com diferentes níveis de abstração, e um concerne ao uso efetivo, como *token*, conforme a Figura 2:

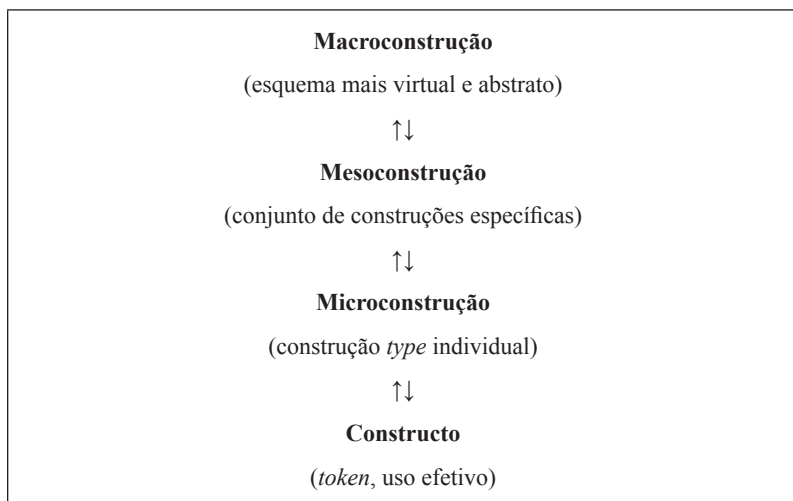


Figura 2: Níveis de esquematicidade construcional

Na Figura 2, as setas para cima representam a gramaticalização como rota de construcionalização, na criação de pareamentos cada vez mais convencionais, capazes de serem captados na história da língua. As setas para baixo constituem gramaticalização como mudança construcional analógica, partindo dos modelos existentes para replicação de outros. No nível mais alto, se encontra a macroconstrução, representada em nossa pesquisa pela $LocV_{CT}$ e pela $VLoc_{MD}$. Cada macroconstrução se desdobra em conjuntos de construções específicas ou mesoconstruções, que constituem grupos semânticos de verbo, como os de movimento (como *ir* e *vir*) e os de elocução (como *dizer* e *falar*), entre outros. As microconstruções são definidas como os *types* individuais, tomados também como modelos abstratos, do tipo **(d) aqui vem** ou **vê lá**. Por fim, como nível mais básico e elementar, relativo ao uso efetivo, temos os *tokens*, refe-

rentes às expressões efetivamente articuladas em seus contextos, os *constructos* destacados anteriormente de (1) a (4).

A abordagem holística da mudança gramatical, assumida pela pesquisa da gramaticalização de construções, enfatiza justamente as relações de sentido e forma articuladas não só entre as subpartes de padrões de uso ou *constructos*, como também nos contextos, nas sequências maiores em que tais usos ocorrem. Traugott (2012) chega a propor, em termos metodológicos, que tais sequências sejam tomadas, por exemplo, como as cinco orações que antecedem e as três que sucedem os padrões pesquisados. Esclarece ainda a autora que a porção contextual considerada deve levar em conta os objetos linguísticos em estudo, uma vez que a extensão de contexto depende justamente dos padrões de uso analisados.

Na investigação mais específica desses contextos semântico-sintáticos mais amplos, motivadores da gramaticalização, se destacam as propostas de Diewald (2002) e Heine (2002). Em ambas as propostas, padrões de uso se iniciam em contextos *típicos*, para Diewald, ou *normais*, para Heine, ou seja, em ambientes nos quais predominam sentidos referenciais e maior objetividade. O segundo estágio contextual, mais subjetivo, em que ambiguidades e inferências são instauradas, é classificado por Heine como *ponte* e por Diewald como *atípico e crítico*⁸. Nesse ambiente, as subpartes começam a perder composicionalidade e analisabilidade, em prol da maior vinculação semântico-sintática. Por fim, tanto Diewald (2002) quanto Heine (2002) apontam o estágio contextual mais avançado, (inter) subjetivo e esquemático, nomeado pelos autores de *isolamento* ou *convencionalização*, respectivamente. Tais contextos, ilustrados no presente artigo a partir dos fragmentos de (1) a (4), motivam os usos mais entrincheirados e configuram efetiva mudança gramatical. Neste artigo, os contextos isolados ou convencionais são aqueles em que se instanciam as macroconstruções $LocV_{CT}$ e $VLoc_{MD}$.

8 A autora estabelece distinção entre contextos somente *atípicos*, como ambientes marcados apenas por ambiguidade semântica, e outros nomeados de *críticos*, nos quais, a par dessa ambiguidade, há fatores estruturais que ensejam novos sentidos e funções. Essa distinção não será aqui tratada em maiores detalhes.

3. INSTANCIÇÕES DO PADRÃO LocV_{CT}

De acordo com Oliveira e Rocha (2011) e Rocha (2011), a LocV_{CT} atua na articulação de relações lógicas entre partes textuais maiores, no nível da oração, do período ou mesmo de segmentos mais amplos. Trata-se de usos pouco recorrentes, principalmente em modalidade escrita e em registro mais formal, que, lançando mão da anáfora, processada originalmente pelo pronome locativo, promovem a progressão textual, unindo e expandindo, em termos semântico-sintáticos, o que se declara. Pesquisadores como Tavares (2012, 2009) e Braga e Paiva (2003) têm ressaltado essa propriedade funcional dos pronomes locativos nas expressões de que fazem parte em textos do PB. Em Tavares (2012: 39), esse duplo papel anafórico e catafórico é nomeado de *sequenciação retroativo-propulsora*, que “se volta para o enunciado passado como fonte de informações para o discurso subsequente, direciona a atenção a um enunciado que está por vir”. Entre os instrumentos que atuam nessa função, a autora destaca o conector **daí**.

Nas pesquisas que temos desenvolvido com base em *corpora* do PB contemporâneo, referentes a textos de blogs da internet, investiga-se, entre outras, a expressão **daí vem**, no apontamento do seguinte *cline* de vinculação semântico-sintática, adaptado de Oliveira e Rocha (2011: 174) e apresentado na Figura 3:

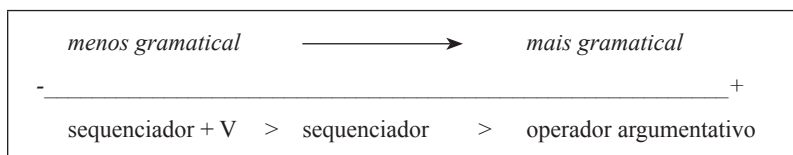


Figura 3: Níveis de gramaticalidade de *daí vem*

Segundo as referidas autoras, os três pontos de aglomeração podem ser ilustrados, respectivamente, com base nos seguintes dados de pesquisa (Oliveira e Rocha 2011: 169-170):

5. E outra coisa que me irrita, eu me contorço toda para não bater em ninguém **daí vem** uma baixinha e me da um baíta tranco, poxa parece que não enxerga! (http://www.lula.pro.br/forum/forum_posts.asp?TID=1026, acesso em 13/11/2009)
6. Video legal...
daí vem o auscker chato e fica usufruindo do seu “ingreis” pra ficar esnobando a galera... (<http://www.vilammo.com/forum/index.php?showtopic=50392&pid=258005&mode=threaded&start>, acesso em 13/11/2009)
7. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. **Daí vem** não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante.
 (<http://www.espirito.org.br/porta/codificacao/es/es-26.html>, acesso em 13/11/2009)

Em (5), **daí vem** apresenta maior composicionalidade e analisabilidade, uma vez que **daí**, conquanto atue como elemento de conexão, não se vincula de modo mais efetivo a **vem**, que tende a ser interpretado como verbo referencial, relativo ao deslocamento do sujeito posposto *uma baixinha*. Já, em (6), o nível de vinculação de sentido e forma de **daí vem** é maior em relação a (3), uma vez que se trata de mecanismo articulador da contrastividade sequencial entre *video legal* x *ausckerchato*. O nível de vinculação semântico-sintática de **daí vem** se acentua em contextos como o ilustrado em (7), em que prevalece a função mais gramaticalizada de operador argumentativo, destacando-se seu uso como elemento de conexão. A detecção do referido *cline* de integração culmina com o contexto de isolamento de LocV_{cr}, ilustrado em (7), nos termos de Diewald (2002, 2006).

Nos contextos de isolamento, referentes ao uso mais gramaticalizado dessas expressões, como instâncias da LocV_{cr}, a pesquisa

do PB tem apontado a maior diversidade formal do primeiro constituinte, o Loc, face ao segundo, o V. Assim, enquanto na primeira posição podem figurar elementos como **lá**, **aí**, **aqui** ou **aí**, a segunda posição é ocupada exclusivamente por verbos de enquadramento espacial – de movimento, como **ir** e **vir** – ou de estado, como **estar**. Em investigação atualmente sob nossa orientação⁹, temos ratificado essa tendência. Exemplificamos tais usos com os seguintes fragmentos do PB, extraídos de romances brasileiros:

8. Que negócio é esse? - É uma sociedade de dança, mamãe. Só famílias conhecidas. O Mário arranhou um convite pra nós.. Deixaram o sultão todo encabulado no tamborete do piano e vieram discutir na sala de jantar. (Famílias distintas. Não tem nada demais. As filhas de Dona Ernestina iam. E eram filhas de vereador. **Aí está**. Acabava cedo. Só se o Crispiniano for também. Por nada deste mundo. Ora essa é muito boa. Pai malvado. Não faltava mais nada. Falta de couro isso sim. Meninas sem juízo. Tempos de hoje. Meninas sapecas. (*Site Corpus do português, ficção*, Alcântara Machado)
9. Creio que me entende, não? - Perfeitamente, senhor Bensabath. Dito assim, parece que é verdade; mas eu lhe digo que não. - Oh! exclamou o velho Bensabath, voltado para o Moitinho, conservando os olhos arregalados de espanto e a boca na expressão da exclamativa. - Sim; continuou o velhote português, cujos olhos vivos dançavam nas órbitas protegidas por supercílios espessos; eu lhe digo que não, e **aqui está** por que o digo. Quando vim para o Mucujê, em 1846.. - E eu, em 45.. interrompeu o Bensabath. -.. vi cousas que hoje não vejo, porque os costumes mudaram, concluiu o Moitinho. (*Site Corpus do português, ficção*, Maria Dusá)

Nos fragmentos (8) e (9), as expressões em destaque estabelecem relação de natureza lógica. Em (8), **aí está** articula noções de causa/consequência, reforçando argumentos relevantes para a sustentação do ponto de vista do locutor; a posição da expressão, na

9 Rossana Alves Rocha dá continuidade à sua pesquisa sobre a LocV_{cr}, agora sob forma de tese de doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, em que examina tal construção em perspectiva histórica.

parte inicial do período, concorre para a progressão textual e ratifica a articulação desse tipo de relação, inerente às sequências argumentativas. Em (9), **aqui está** introduz *o por que*, num tipo de arranjo metonímico que concorre para a abstração e para a função relacional da expressão destacada. Tais sequências, por serem intrinsecamente subjetivas, representam contexto ótimo para tais usos, colaborando para a interpretação de **aí está** e **aqui está** como instanciiação da $LocV_{ct}$. A distinguir as referidas instanciações, está justamente o primeiro elemento, o Loc, que cria efeitos de sentido distintos, por conta do tipo específico de perspectivização instaurada: com **aí está**, o sentido mostrativo/estativo do verbo se volta efetivamente para o interlocutor, provocando afastamento do objeto mostrado; com **aqui está**, o locutor aproxima o objeto de si e, por consequência, de toda a situação mostrada.

No PE, a pesquisa exaustiva das instanciações da $LocV_{ct}$ empreendida no jornal *O Público* tem apontado as mesmas tendências de uso, como observamos no quadro seguinte:

Microconstrução	Ocorrências	%
Aí está	52	37,4
Aqui está	45	32,3
Lá está	28	20,1
Lá vai	8	5,8
(D)aí vem	3	2,2
Cá está	2	1,4
Aí vai	1	0,8
Total	139	100,00

Quadro 1: Microconstruções do padrão $LocV_{ct}$ em *O Público* (PE)

Como referimos no início desta seção, destaca-se a baixa frequência dos usos mais vinculados e isolados de Loc e V na fonte pesquisada, que registra mais de 190 milhões de palavras no total. Foram levantadas 2.315 expressões envolvendo o pareamento $LocV$, porém, descartando-se os contextos típicos, atípicos e críticos, resta-

ram somente 139 dados, que não representam sequer 10% do levantamento inicial. Trata-se da mesma tendência detectada em textos do PB. Outra correspondência está nos tipos de microconstrução, sempre compostas por um dos verbos espaciais – **estar**, **ir** ou **vir**. Tal como no PB, o PE registra maior frequência de instanciações (91,2% no total) em torno do verbo **estar** (**aí está** – 37,4%; **aqui está** – 32,3%; **lá está** – 20, 1%; **cá está** – 1,4%), como em:

10. Pollack é mais romântico (**aí está** «África Minha» para o provar), respeitando nos seus filmes o lugar que cabe a cada sexo, e servindo-se apenas do personagem travestido para melhor os situar na relação. (*par=ext209396-nd-92a-1*)
11. Logo durante o encontro com Soares, quando o Presidente contou ter falado do assunto com o primeiro-ministro, que lhe terá dito «não ter pessoalmente nada contra a amnistia, embora achasse que ela só deveria ser aprovada com o voto de todos os partidos», Narana Coissoró, o líder parlamentar centrista ironizou: «ora **aqui está** a prova de como nós somos uma força correctora e decisiva». (*par=ext280205-pol-91a-1*)
12. Aliás, a primeira vez que me perguntaram se o grupo é feminista fiquei um bocado agastada, porque, **lá está**, ninguém pergunta aos grupos de homens se são machistas. (*par=ext667626-clt-93b-2*)

O traço comum às três expressões destacadas em (10), (11) e (12) reside na função mostrativa/expositiva articulada pela forma verbal **está**, que, associada ao Loc antecedente, cria um tipo de uso inovador, conectando logicamente cada sequência e concorrendo para instaurar a marca geral da (inter)subjetividade e abstração. A diferença entre as referidas expressões se encontra na aludida distinção de Loc, que cria efeitos de perspectivização distintos: aproxima o objeto em (11), o afasta um pouco mais em (10) e o coloca em posição distante em (12).

A marca distintiva do PE, a respeito da instanciação da LocV_{ct} em torno da forma verbal **está**, se encontra no registro do Loc **cá** a anteceder o V, como em:

13. Pensei: **cá está**, como espécie, construímos satélites, televisão por cabo e o Ford Mustang, mas, e se tivessem sido os cães e não as pessoas a inventar essas coisas? (*par=ext1563899-clt-94b-1*)

Embora com apenas dois dados no *corpus* (1,4%), consideramos interessantes tais ocorrências e as creditamos a um traço específico da gramática do PE, que mantém o uso regular de **cá** como locativo. Assim, a convencionalização de **cá está** como instanciância da $LocV_{ct}$ teria como motivação o uso mais sistemático de **cá** no PE em contraste com o PB. No PB, o *Loc aqui* tem sido usado como a forma geral e não-marcada de referência ao espaço da primeira pessoa, o que justifica a baixa frequência de **cá**, que fica restrita a contextos muito específicos e ritualizados. Esse resultado já começa a apontar uma tendência que, na próxima seção, fica mais evidente – a de que propriedades estruturais do PB e do PE condicionam os processos mais gerais de gramaticalização do português.

Outras três instanciâncias de $LocV_{ct}$ apontadas no Quadro 1, com 8,8% de ocorrências, correspondentes ao que verificamos no PB, se ilustram a seguir e abrangem os constructos com os verbos dêiticos **ir** e **vir**: **lá vai** (5,8%), **(d)áí vem** (2,2%) e **aí vai** (0,8%):

14. Então **lá vai**: conheço em Portugal duas experiências desse tipo, qual delas de resultados mais reveladores. (*par=ext445074-pol-98b-1*)
15. N. C. era descendente pelo pai de um emigrante inglês do século XVII, pedreiro na construção da Universidade de Harvard (onde o filho se formaria mais tarde); **daí vem** o nome de família. (*par=ext323536-nd-95b-1*)
16. Bem, assim sendo, e como estou mesmo com vontade de dizer aquilo que de grave se passou, **aí vai**: perguntem ao professor Fernando Mota se é ou não verdade que teve de ir ao apartamento às duas da manhã para evitar que um colega meu se envolvesse à pancada. (*par=ext1289994-des-92b-1*)

Em (14), (15) e (16), o papel relacional das expressões destacadas é evidente. Trata-se de formações muito esquemáticas, cujas

subpartes se encontram em avançado nível de integração. Loc e V se destituem de grande parte das propriedades de suas respectivas categorias-fonte, em prol da assunção de nova e mais avançada função gramatical, no nível sintático-textual.

Acerca de **lá vai**, o levantamento do PE detectou dois tipos de uso mais complexos, em termos estruturais, e muito recorrentes. Embora não representem contextos isolados, nos termos de Diewald (2002, 2006), os dois usos referidos são considerados ambientes atípicos, pela abstração e polissemia veiculadas. A título de exemplo, fazemos menção a usos como os seguintes, não levantados no PB:

17. As estatísticas -- coisa que para muitos é um instrumento que permite aos políticos dizerem mentiras falando verdade -- mostram que a recessão já **lá vai** e que a retoma está em curso. (*par=ext589050-eco-95a-1*)
18. A razão tinha sido confessada pelo próprio Presidente, na véspera, quando disse aos jornalistas que o questionaram sobre o caos urbanístico que «o que **lá vai lá vai**». (*par=ext799849-pol-96a-1*)

Com o fragmento (17), ilustramos a instanciização do padrão atípico **SN_{su} já lá vai**. Nesse tipo de uso, o SN tende a ser preenchido, tal como no texto apresentado, por nome abstrato e de referência temporal, que, na função de sujeito, se combina com o predicado subsequente, podendo este ser parafraseado por *já passou*. Assim, ocorrem em *O Público* usos do tipo *a recessão já lá vai*, como em (17), ou ainda *o tempo do lirismo já lá vai* ou *o estado de graça já lá vai*, entre outros, na veiculação de períodos ou etapas que já não voltam mais por se encontrarem concluídos (perfectivos). O sujeito abstrato e de sentido temporal, combinado com predicado verbal em torno de deslocamento físico, conferem a atipicidade contextual referida.

Com relação ao padrão exemplificado em (18), trata-se de um tipo de estrutura paralelística e reiterativa, equivalente a *o que passou, passou*. Com **o que lá vai, lá vai**, o locutor do PE lança mão de uma estratégia retórica, quase esvaziada em termos semânticos, cuja função maior é sinalizar para o interlocutor que o tópico ou assunto

em pauta não tem mais razão de ser, muitas vezes livrando esse locutor de assumir maior compromisso com algum tipo de declaração mais efetiva. É que ilustramos em (18), no fragmento em que, ao ser questionado por jornalistas sobre matéria de sua responsabilidade, a autoridade responde de modo evasivo com a declaração **o que lá vai, lá vai**. Trata-se também de um padrão ambíguo, (inter)subjetivo e, por isso mesmo, atípico.

Um terceiro padrão atípico em torno de **lá vai**, detectado tanto no PE quanto no PB, se ilustra a seguir:

19. «Não que queiramos uma vida regalada», esclareceu Lopes Cardoso, «mas já **lá vai** o tempo em que se tinha de trabalhar de sol a sol e não faz parte do nosso projecto de vida trabalhar ao domingo». (*par=ext667212-soc-93b-2*)

20. E **já lá vai** um mês... um mês inteiro de visão do bom senso. (*par=129081*)

Em (19) e (20), exemplificamos o uso de **já lá vai SN**, em que o último constituinte tem referência temporal e função de sujeito não prototípico. Nas duas variedades, é comum a articulação desse tipo de expressão como estratégia retórica, na evocação de um período perdido, como ocorre em (19), extraído do PE, com *mas já lá vai o tempo em que se tinha de trabalhar de sol a sol*, quanto em (20), retirado do jornal *Folha de S. Paulo*, no uso de *já lá vai um mês*. Em *O Público*, são recorrentes declarações do tipo *já lá vai o tempo em que podia contar com o apoio entusiástico da população* ou ainda *já lá vai o tempo em que o Zé Povo tinha de aceitar tudo pelo melhor e bater palmas*.

4. INSTANCIACÕES DO PADRÃO VLoc_{MD}

Conforme defendido em Oliveira (2012b), Teixeira e Oliveira (2012) e Teixeira (2010), a VLoc_{MD} constitui, no português contemporâneo, um esquema construcional altamente vinculado e muito produtivo, notadamente em interações mais informais e injuntivas,

nas quais preponderam pressões intersubjetivas, nos termos de Traugott e Dasher (2005). O grande entrincheiramento de suas subpartes, com perda acentuada das propriedades típicas desses constituintes, contrasta com o modo mais desvinculado com que $VLoc_{MD}$ atua nos textos em que ocorre. A função precípua dessa macroconstrução é pontuar a sequência em que se insere, orientando o foco do interlocutor para o que se intenta destacar. Trata-se de um tipo de *inferência sugerida*, nos termos de Traugott e Dasher (2005), mecanismo metonímico e de abstratização por meio do qual locutores convidam seus interlocutores a partilharem crenças, atitudes e valores.

Assim posto, em relação à $LocV_{CT}$, abordada na seção anterior, assumimos que a $VLoc_{MD}$ se encontra em ponto mais avançado na rota de gramaticalização, dado que a marcação discursiva, no nível pragmático, é interpretada como etapa posterior à conexão textual, no nível morfosintático. Em termos de construcionalização, o maior entrincheiramento das subpartes de $VLoc_{MD}$ face à $LocV_{CT}$ também é argumento ratificador do estágio mais avançado de convencionalização daquela.

Conforme verificado em relação à $LocV_{CT}$, nossa pesquisa da $VLoc_{MD}$ no PB contemporâneo, com base em fontes brasileiras do *Site Corpus do português*, identificou níveis distintos de vinculação semântico-sintática que culminam na instanciação da $VLoc_{MD}$. Apresentamos a seguir, com base em ocorrências de **está aí**, fragmentos que ilustram três estágios diversos de entrincheiramento desta expressão, extraídos de Teixeira e Oliveira (2012: 28-29):

21. Baldava empenhos o Felipe, a fim de amainar a cólera do hóspede, asseverando que ali, no Xique-Xique, não valia tanto aquele negócio; que esfriasse a cabeça e pensasse. - Não tenha susto, respondia Ricardo. Agora só desejo que amanheça o dia para ir ver logo o garimpo. O saco se faz hoje mesmo. - Mande chamar o Braço Forte e outro, que o meu camarada **está aí**. No dia seguinte seguiam o mineiro e três camaradas para o Coisa Boa. (*Site Corpus do português*, ficção, Maria Dusá)

22. Até agora os presidentes se esforçaram para combater a inflação, mas nenhum fez um esforço sincero para cumprir a Constituição, critica o jurista. Falta ao governo uma convicção sincera de que a Carta **está aí**

para ser cumprida. (*Site Corpus do português, jornalístico, SP, Cumprir a Constituição ainda é um desafio*)

23. O problema é fazer disso tudo uma pirotecnia dispensável, inclusive com gente que já enfrenta esse tipo de coisa para sobreviver.. É um equívoco imaginar que os brasileiros ainda querem ter, como na época de O Povo na TV, a miséria saindo das ruas e invadindo suas casas. Os sapatos devem ser, sempre, limpos, no tapete da porta. **Taí** o sucesso de novelas mexicanas como Marimar, ou Maria do Bairro, que mostram e falam de pobreza, só que de maneira mais cândida, velada. Parafraseando o mago Joaozinho Trinta, o povo não gosta de lixo. (*Site Corpus do português, notícia, BA, Brasil Surreal*)

Em (21), **está aí** tem como sujeito *meu camarada*, SN que, prototipicamente, funciona como termo a que se refere o predicado; nesse contexto, em discurso direto, a forma verbal **está** atua como efetivo termo lexical e o locativo **aí** faz referência ao ambiente físico onde se situam os locutores. Já em (22), o SN *a carta* é sujeito de **está**; os traços de menor prototipicidade desse sujeito (não humano, não volitivo e não agentivo) conferem à expressão **está aí** sentido mais abstrato, atinente a papel mostrativo. Neste caso, trata-se de uso mais vinculado, em termos de sentido e forma, da referida expressão, que se insere em sequência de natureza expositiva. O fragmento (23) ilustra o uso mais vinculado de **está aí**, considerado seu contexto mais convencional, efetivamente gramaticalizado como instanciiação de $VLoc_{MD}$; nesse contexto, verificamos inclusive a erosão formal, com o uso monossilábico **taí**, ou seja, a redução de sentido levou a expressão à redução de estrutura, o que demonstra a forte vinculação de suas subpartes, com perda de composicionalidade e analisabilidade. Efetivamente, em (23), **taí**, em posição inicial de sequência expositiva, tem destacada sua função eminentemente mostrativa ou processual, distante do que seria um predicado prototípico.

Tal como a $LocV_{CT}$, consideramos que a $VLoc_{MD}$ se origina, na trajetória do português, de contextos oracionais transitivos, formados por verbo de sentido mais referencial, de deslocamento (*ir*; *vir*) ou de estado (*estar*; *ficar*), acompanhado por complemento locati-

vo (Oliveira e Teixeira, 2014). Assumindo que o tipo de ordenação motivadora da $VLoc_{MD}$ é aquele em que Loc se encontra posposto a V, consideramos que essa macroconstrução resulta de processo de construcionalização mais recente na língua em relação a $LocV_{CT}$, uma vez que a posposição do locativo em relação ao verbo passa a ser efetivamente mais frequente, como ordem não-marcada na sintaxe do português, a partir da fase moderna da língua, mais especificamente dos séculos XVIII e XIX, conforme defendido em Martelotta (2006. 2011) e em Oliveira e Cezario (2012).

Em termos de frequência e possibilidades de instanciação, assumimos que a $VLoc_{MD}$ é mais recorrente em ambas as variedades do português agora abordadas e se articula a partir de combinações mais variadas de subpartes verbais. Ou seja, defendemos que a $VLoc_{MD}$ é mais esquemática e produtiva do que a $LocV_{CT}$. O Quadro 2, extraído e adaptado de Oliveira e Teixeira (2014: 126), com base nos dados do PB, ilustra o comentário:

10

Nível de esquematicidade	Tipo de construção						
MACRO	VerboLocativo <small>marcador discursivo = $VLoc_{MD}$</small>						
MESO ¹⁰	Vmo-vLoc	VestLoc	Vpro-cLoc	VpercLoc	Vco-gLoc	Vvo-lLoc	Velo-cLoc
MICRO	chega aí, chega lá, vá lá, vamos lá, vem cá	está aí estamos aí fica aí	espera aí, espera lá, segura aí	escuta aqui, olha aí, olha aqui, olha lá, vê lá	 sei lá, sabe lá	 quero lá	 dig(a) aí, diga lá, fala aí

10 As siglas referem-se, respectivamente, às seguintes mesoconstruções: Vmovimento Locativo VestativoLocativo, VprocessoLocativo, VpercepçãoLocativo, VcogniçãoLocativo, VvolitivoLocativo e VelocuçãoLocativo.

Nível de esquematicidade	Tipo de construção						
CONSTRUCTO	chega aí, chega lá, vá lá, vamos lá, vem cá	(es)tá aí, (es)tamos aí, fica aí	(es)pera aí, (es) pera lá, segura aí	escuta aqui, olha aí, olha aqui, olha lá, vê lá	sei lá, sabe lá	quero lá	diga aí, diga lá, fala aí

Quadro 2: Distribuição da macroconstrução $VLoc_{MD}$ em níveis de esquematicidade no PB

De acordo com o Quadro 2, constatamos a diversidade semântica do primeiro constituinte da $VLoc_{MD}$, na formação de um conjunto variado de mesoconstruções, em contraste com o uso exclusivo de verbos de referência espacial na $LocV_{CT}$. Essa condição ratifica a produtividade da $VLoc_{MD}$. De outra parte, verificamos também que esse elemento verbal se apresenta não flexionado, o que evidencia a perda de propriedades de sua categoria-fonte, dado que uma das marcas prototípicas da classe dos verbos é justamente a flexão. Em função do verbo utilizado – classe semântica e tipo morfológico (regular ou irregular), se convencionalizam os usos: 2ª pessoa do singular para a maioria das microconstruções, 1ª pessoa do singular para os cognitivos e volitivos e 3ª pessoa do singular para os elocutivos irregulares. Assim, no PB, tal como exemplificamos a seguir, nas instanciações de $VLoc_{MD}$, o primeiro constituinte se apresenta morfollogicamente fixo:

- 24. Sim, há uma pedra no caminho da revolução. É uma má notícia para a popularização da tecnologia em mercados estrangeiros. **Vá lá**, para animações, até dá certo. Mas já pensou o que acontecerá quando a maior parte das produções for feita com a técnica?(Reportagem por Haidi Lambauer, revista do grupo Globo: Galileu)
- 25. Quando abro o Google e procuro o que procuro, no mundo inteiro ou aqui na esquina, fico besta com os robôs que sabem tudo, encontram tudo, traduzem tudo. Traduzem, ah! **Peraí**, já vivi muito disso. Não vão

tirar de mim uma atividade da qual ainda posso precisar num amanhã qualquer, ou mesmo amanhã de manhã.(Revista Veja)

Nos fragmentos (24) e (25), as expressões em destaque marcam discursivamente as sequências em que inserem, sugerindo ao interlocutor a partilha do sentido em articulação. Trata-se de usos que concorrem para a marca intersubjetiva geral instaurada. Em formação altamente integrada, cada subparte destitui-se das propriedades originais de sua categoria-fonte, em prol da composição de arranjo cumpridor de nova função no uso linguístico. Em (25), o nível de integração é tal que verificamos um só termo – **perai**, fruto da erosão estrutural e semântica das subpartes envolvidas, o que tende a ocorrer em registros mais informais do PB.

Por outro lado, a segunda subparte das instanciações de $VLoc_{MD}$, como observamos no Quadro 2, apresenta menor diversidade. O Loc nesses usos é precipuamente **lá** ou **aí**, na referência a espaço mais distante em relação ao locutor. Consideramos que tal restrição seletiva de Loc é motivada pelo traço intersubjetivo de que se reveste a função marcadora discursiva desses arranjos, voltados para a ação sobre o interlocutor. Assim posto, os referidos pronomes, pelo sentido de maior distanciamento que veiculam, são recrutados para as distintas instanciações da $VLoc_{MD}$.

No que concerne ao PE, a pesquisa empreendida no jornal *O Público* também ratifica algumas tendências apontadas pelo PB. Uma das correspondências está na maior diversidade de microconstruções e de frequência de constructos da $VLoc_{MD}$ face à $LocV_{CT}$, conforme se demonstra no Quadro 3:

Microconstrução	O Público	%
Sei lá	179	40,3
Vá lá	137	30,8
Vai daí	39	8,1
Veja/ -m lá	23	5,1
Desculpa/ -e/ -em lá	20	4,5

Microconstrução	O Público	%
Vamos lá	17	3,8
Quero lá	7	1,6
Espera/ -e/ -em aí	6	1,3
Vê lá	5	1,2
Olha/-e lá	4	0,8
Espera/ -e/-em lá	3	0,7
Anda lá	1	0,45
Diz aí	1	0,45
Está aí	1	0,45
Olha aqui	1	0,45
Total	444	100,00

Quadro 3: Microconstruções do padrão VLoc_{MD} em *O Público* (PE)

Os 444 registros gerais apresentados pelo Quadro 3 se referem aos contextos isolados (Diewald 2002, 2006), classificados a partir do levantamento total de 1.476 expressões envolvendo o pareamento de V e Loc. Tal situação revela a forte tendência à gramaticalização dessas expressões em ambas as variedades do português pesquisadas.

Outra correlação estabelecida entre os dados do PB e do PE nesses usos é a diversidade semântica do primeiro elemento da VLoc_{MD}. Assim, formações envolvendo verbos cognitivos e perceptivos também são registradas no PE, como em:

26. Muito se fala no estímulo devido à construção de casa própria e raro é o dia em que se não proclamam novas facilidades de empréstimo, maiores bonificações de juros, isenções de siza, condições mais vantajosas para a juventude, **sei lá**: um rol de tentações que a realidade desmente. (*par=ext94620-nd-95a-2*)

27. Mas, **olhe lá**, você é do povo, como nós. (. *ed=1297 id=9703=h1*)

Em (26), ilustra-se um tipo de uso dos mais recorrentes de **sei lá** em *O Público*, num total de 40,3% de ocorrências, na articulação

de sentido negativo, como elemento finalizador de enumeração. Na investigação do PB contemporâneo, na modalidade falada (Oliveira e Santos 2011), também foram registrados padrões da VLoc_{MD} como esse, embora com frequência menor face a outras funcionalidades¹¹. Consideramos que esse uso mais frequente nos dados do PE possa ser associado ao gênero discursivo pesquisado. Em textos jornalísticos, nas sequências articuladoras de opinião, voltadas para a expressão de valores e crenças do locutor, que procura, de outra parte, agir sobre seu interlocutor, é frequente a apresentação de séries enumerativas, que concorrem para ratificar pontos de vista, atuando como forma de convencimento.

Outra tendência correspondente entre as duas variedades é a recorrência de **lá** como segunda subparte preferencial nessas formações, seguida por esporádicos casos de **aí** e **aqui**. O total de ocorrências formadas pelo locativo **lá** no PE é de 80,05%. Como mencionamos em relação ao PB, também no PE tal preferência tem a ver com a orientação intersubjetiva da função de marcação discursiva. Nesse sentido, como traço pragmático constitutivo dessa categoria funcional, observam-se usos semelhantes nas duas variedades linguísticas. Essa grande frequência de **lá** nas expressões pesquisadas é interpretada como resultado de um conjunto de motivações: a) A orientação espacial de **lá**, voltada para um lugar mais distante em relação aos interlocutores, tornando o locativo um eixo importante na articulação da *inferência sugerida* e da *intersubjetivação* (Traugott 2012; Traugott e Dasher 2005), ou seja, resultante do pacto que os usuários estabelecem nas situações interativas, no sentido de veicularem sentidos mais subjetivos, voltados para a expressão de desejos, valores, insinuações ou mesmo pressões uns sobre os outros, como em **desculpa/ -e / -em lá** e **veja/ -m lá**; b) A granulidade vasta do locativo (Batoréo 2000), que confere a **lá** a articulação de sentido impreciso e vago, fazendo ainda deste constituinte candidato à expressão, junto a verbos cognitivos e volitivos de referência negativa, como em **sei lá** e **quero lá**; c) A natureza interativa de determinadas sequências

11 Na pesquisa dos usos de *sei lá* no PB, Oliveira e Santos (2011) identificaram a enumeração como função de marcação discursiva de menor frequência face à de hesitação, perfazendo cerca de um quarto das ocorrências da marcação.

tipológicas do gênero jornalístico, principalmente as injuntivas e expositivas, localizadas muitas vezes em trechos de reprodução de discurso direto, em artigos de opinião, entre outros, o que faz com que o locutor, com o uso de **lá**, estabeleça maior interatividade e informalidade, na perspectivização de um espaço mais amplo e vasto.

No caso do locativo **cá**, o Quadro 3 aponta que não foi levantado no PE como participante da VLoc_{MD}. Esse resultado é interpretado como traço mais específico da variedade europeia do português, uma vez que o **cá** funciona aí na referência ao espaço da primeira pessoa do singular. Já, no PB, o locativo **aqui** cumpre de modo mais exclusivo tal papel, ficando o **cá** para esporádicos e específicos usos, igualmente observados no PE, como **de lá pra cá**, **cá entre nós** ou o marcador **vem cá**, não encontrado em *O Público*.

No que diz respeito à expressão do espaço relativo ao locutor, enquanto no PB é o locativo **aqui** usual na referência a esse espaço, no PE, tal locativo compete/varia com **cá** na articulação de tal referência. Se o foco recai num local específico ou delimitado, usa-se via de regra **aqui**; se o espaço é tomado como generalização, como ambiente mais amplo, usa-se **cá**. Ilustramos tal distinção a seguir, em excerto do PE falado, extraído do *corpus* Esteves (2012):

28. Inq: Como é que **se chama cá... nós aqui** não dizemos os cereais, dizíamos que vínhamos a trazer os cereais para a eira, mas não era cereais que nós dizíamos, **cá na terra**, pois não? Como é que **se chamava cá** aos cereais?

No fragmento (28), o espaço em que se situa o locutor é referido a partir de duas estratégias: *se chama(va) cá* e *nós aqui*. Ao mencionar genericamente a região em que se encontra, o locutor lança mão de **cá**, mas logo a seguir usa **nós aqui**, equivalente àquela. Em ambas as declarações, estamos diante de contexto típico, marcado por *frame* espacial, em que tanto V como Loc cumprem funções ao nível de suas categorias-fonte.

Em termos cognitivos, esse resultado sugere que, enquanto no PB o lugar do locutor é mais específico, pontual e espacialmente delimitado, o que é manifestado pela granulidade fina de **aqui**, no PE,

esse lugar pode se apresentar mais difuso e vago, quando é recrutado o locativo **cá**, de granulidade vasta, para sua expressão. Essa distinção de uso pode estar ligada ainda a rumos específicos que cada variedade do português tomou ao longo de sua trajetória. Assim, enquanto o PB neutraliza o contraste original *aqui x aí e aí x ali, cá x lá*, o PE mantém o referido contraste. Tal rumo diverso se reflete em usos linguísticos mais específicos de cada variedade, tanto ao nível da gramática quanto da pragmática, como no caso da VLoc_{MD} aqui analisada.

Ressalvamos que, para testar a afirmação acima, é preciso levar em conta que as fontes pesquisadas, da modalidade escrita e pertencentes ao gênero jornalístico, configuram-se como usos mais específicos e condicionados da língua, ensejando, assim, que essa interpretação seja ratificada posteriormente a partir do levantamento de outras e distintas fontes do PE.

No tocante à seleção verbal no âmbito da VLoc_{MD}, a pesquisa do PE apresenta como traço mais específico e distinto do PB a instanciação da microconstrução **desculpa/ -e / -em**, com 4,5% de ocorrências. Trata-se de uso motivado por contextos marcados por injunção e grande interatividade. Hipotetizamos que a motivação para essa convencionalização seja a grande frequência de uma estratégia retórica, característica do PE, ligada à expressão de polidez e à preservação de face, em que *pedir desculpa(s)* e *desculpar* são muito recorrentes, enquanto, no PB, é mais utilizada para tal fim somente a forma nominal **desculpa**, por exemplo, ou outro modo variante de dizer, como a expressão popular **foi mal**, frequente no Rio de Janeiro.

Em *O Público*, foram levantados 465 ocorrências de **pedir desculpa(s)** com suas respectivas formas flexionadas, enquanto foram registrados também 171 usos somente da forma flexionada de 3ª pessoa do singular **desculpe**. No PE, detecta-se o uso de **pedir desculpa(s)** em seqüências como (29):

29. Face às notícias sobre esta matéria, nomeadamente sobre os elevados custos do aluguer de jactos particulares, Attali limitou-se a co-

mentar o seguinte: «**peço desculpa**, mas não posso passar sem isso». (*par=ext397769-eco-93a-2*)

Assumimos que, dada a variedade da morfologia flexional do PE face ao PB, devido à efetiva distinção das segunda e terceira pessoas gramaticais daquela variedade, temos no PE, a partir da alta recorrência de **desculpar**, os *tokens* **desculpa lá**, **desculpe lá** e **desculpem lá** como instanciações da $VLoc_{MD}$, conforme observado em:

30. Lady Montdore leva o livro, mas daí a uns tempos devolve-o com o comentário: «**desculpa lá**, só consegui ler metade disto; nunca cheguei à tal parte sobre a senhora da alta sociedade». (*par=ext1278997-clt-92a-1*)
31. A requalificação passa também pela melhoria de todos os acessos nesta zona e passa, **desculpem lá**, pelo facto de o metro não ser feito para a Expo: é feito para a eternidade, para as pessoas que vivem aqui. (*par=ext1147187-nd-98a-3*)
32. Já no final do dia, Sampaio desafiou a secretária de Estado da Educação e Inovação, Ana Benavente, a falar do relatório que já existe sobre esta matéria: «Talvez possa desvendar alguma coisa e falar de algumas das suas impressões, **desculpe lá**, mas talvez seja a altura», solicitou Sampaio. (*par=ext860194-soc-98a-1*)

Em (30), em sequência de discurso direto, altamente injuntiva e intersubjetiva, a personagem se dirige ao seu interlocutor iniciando a declaração com **desculpa lá**. Nas sequências (31) e (32), prevalecem também as marcas intersubjetivas e injuntivas. Nos três fragmentos, as referidas expressões se encontram altamente entrincheirada em suas subpartes e desvinculadas, do ponto de vista semântico-sintático, da sequência em que se inserem. Em contextos assim organizados, não mais se detectam os argumentos verbais – sujeito e complemento – ficando apenas o pareamento de forma e sentido **desculpa/-e / -em** a marcar discursivamente o fragmento em que se insere.

Ao contrário do que se observa no PB, a ocorrência de flexão foi registrada também em outras instanciações da VLoc_{MD} no PE. A pesquisa em *O Público* levantou ainda usos como os seguintes:

33. - Não, não, **espere lá**, ele estava mesmo mal-disposto! (*par=ext1554160-soc-97a-1*)

34. Concertos no Ritz de Nova Iorque ou no Parque Gorky em Moscovo tornaram a banda célebre e a imprensa italiana, **vejam lá**, considerou Tracy a «dona da mais bela voz da pop britânica». (*par=ext424042-clt-94b-2*)

Dados como os apresentados em (33) e (34), bem como os exemplificados de (30) a (32), demonstram como um traço específico da configuração gramatical do PE, isto é, o da distinção no uso das pessoas gramaticais, e as características atinentes a marcas retóricas culturais, acabam por influenciar as instanciações diversas da VLoc_{MD} nessa variedade.

Assim, em termos cognitivos, consideramos que, nas duas variedades do português pesquisadas, se trata de *scripts culturais* distintos (Batoréo no prelo), que acabam por ensinar e rotinizar modos de codificação gramatical também distintos. Nessa perspectiva, ainda como Batoréo (no prelo), assumimos que a especificidade cultural dos contextos de interação e sua repercussão na seleção e organização lexical, pode, via frequência em determinados contextos, se expandir e atingir o domínio gramatical, o nível estrutural da língua. Estabelece-se, portanto, a correlação entre cultura e gramática, no entendimento de que a sistematização de modos de dizer deriva de práticas socioculturais, forjadas, rotinizadas e expandidas via interação.

Conforme observado nesta seção, no que concerne às instanciações de VLoc_{MD}, o PB e o PE apresentam pontos de correlação e de distinção. Os aspectos distintivos são mais salientes aqui do que os referentes aos *tokens* da LocV_{CT}.

5. CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS DE PESQUISA

Com base nos resultados obtidos a partir do levantamento e da análise dos dados extraídos do PB e do PE, na pesquisa das instâncias da $LocV_{CT}$ e da $VLoc_{MD}$, chegamos às seguintes considerações, à guisa de conclusão:

- A. No padrão $LocV_{CT}$, em ambas as variedades, V mantém a propriedade semântica espacial – seja estativa (**estar**), seja dinâmica (**ir**, **vir**). A persistência dessa propriedade está ligada ao estatuto mais *gramatical* da $LocV_{CT}$, com base em sua função de elemento de conexão textual, como categoria sintática da língua.
- B. De outra parte, o V na $VLoc_{MD}$, tanto no PE quanto no PB, apresenta mais diversidade em sua seleção lexical. Atribuímos tal diversidade de sentido ao nível mais avançado de gramaticalização dessa macroconstrução, localizado na pragmática, para além, portanto, do plano estrita ou categoricamente mais gramatical da língua.
- C. O destaque ou fator distintivo nesse quesito fica por conta do uso sistemático de **desculpar** (e suas flexões) + **lá**, nos *tokens* da $VLoc_{MD}$ no PE. Hipotetizamos que se trata de um tipo de convencionalização, via analogização com base no modelo *Vespacial*+ *lá*, como **vá lá** ou **anda lá**. A motivação para o recrutamento de *desculpar* seria de natureza pragmático-discursiva, atinente à recorrência de um tipo de estratégia retórica nas interações do PE, nas quais *pedir desculpas* ou *desculpar*, com suas flexões e combinações, são muito recorrentes. Assim, de um uso de motivação pragmática, motivado por circunstâncias mais específicas e pontuais, o PE desenvolveu um marcador discursivo, regular e produtivo nas interações.
- D. Ainda com relação ao V nos padrões pesquisados, as duas variedades revelam outra distinção saliente, esta relativa ao quadro das pessoas gramaticais. Enquanto no PB a flexão reduz-se majoritariamente à 2ª pessoa (**espera aí**, **vê lá**), ou então à 3ª pessoa (**vá lá**, **veja lá**, **diga lá**), em função do tipo semântico do verbo e de sua classe morfológica, o PE mantém a distinção original do quadro, indicando especificamente a segunda

e a terceira pessoas. Tal diferença paradigmática tem reflexos principalmente nos *tokens* da $VLoc_{MD}$. Assim, enquanto no PB usos como, por exemplo, **espera aí, veja lá e olha lá** são praticamente invariáveis, no PE as mesmas expressões, no cumprimento da função de marcador discursivo, podem estar flexionadas, como **espera/ -e/ -em aí, veja/ -m lá e olha/-e lá**. Esse quadro permite postular que a gramaticalização de tais expressões se comporta de modo e ritmo distintos: enquanto no PB está em fase mais avançada, pela redução do quadro de referência pronominal e consequente fixação da 2ª ou 3ª pessoa como forma não-marcada de expressão, no PE a mudança gramatical tem outro ritmo, já que, via flexão verbal, se mantém a vinculação do V a sua categoria-fonte (o que já foi perdido no PB).

E. A respeito do locativo, outra subparte das construções aqui pesquisadas, observam-se tendências específicas, em termos do padrão construcional em que figuram. No caso da $LocV_{CT}$, a diversidade é maior, com tendência de uso de **aí** e **aqui**, na referência ao espaço específico da segunda e primeira pessoas, respectivamente; o locativo **lá** ocupa a terceira posição, em termos de frequência, na perspectivização de lugar distante e vago. Na instanciação da $VLoc_{MD}$, detectamos o uso de **lá** como expressão não-marcada, seguida por **aí** e **aqui**, com usos esporádicos. Comparando-se o PE e o PB, esse tipo de distribuição do Loc é verificado em ambas as variedades e pode, assim, ser interpretado como um traço específico de cada construcionalização processada. Nesse sentido, como a $LocV_{CT}$ cumpre papel no nível sintático-textual, os locativos têm mais preservadas suas propriedades da categoria-fonte, na manutenção de traços das pessoas gramaticais; já a $VLoc_{MD}$, em estágio mais avançado na escala da gramaticalização, localizada no nível da pragmática, é mais esquemática, selecionando em suas instanciações, quase exclusivamente, o locativo *lá*.

F. No que concerne ao constituinte locativo, a par das tendências correspondentes apontadas em E, registra-se um traço distintivo interessante relativo ao elemento *cá*. Como, no PB, a referência dêitica da primeira pessoa é articulada prototipicamente por *aqui*, o locativo *cá* tem seu uso restrito e especializado em determinadas expressões, aí incluídas as instanciações de $VLoc_{MD}$, como *vem cá*, por exemplo, muito produtiva no

Brasil. Já no PE *cá* e *aquí* competem pela referência à primeira pessoa, o que faz com que, nessa norma do português, não se registrem usos mais entrenchados de *cá* em instanciações da $VLoc_{MD}$.

Assim posto, no contexto dos fundamentos teóricos que nos orientam, consideramos que o quadro distintivo aqui apresentado se torna importante e relevante aspecto a ser investigado no âmbito dos estudos de mudança gramatical em termos mais amplos. Assumimos que a gramaticalização de construções no português, a depender da variedade – PE ou PB – pode assumir traços mais específicos, com distinção de visibilidade e de ritmo ao nível das mudanças construcionais. As diferenças no uso, que motivam as diferenças na sistematização gramatical, têm a ver com motivações pragmáticas (como no caso da seleção de **desculpar** no PE) e motivações estruturais (como em relação ao quadro de referência das pessoas do discurso).

As considerações aqui apresentadas, no tocante a nossos objetos de pesquisa, permitem que postulemos a seguinte sumarização, como apresentada na figura seguinte:

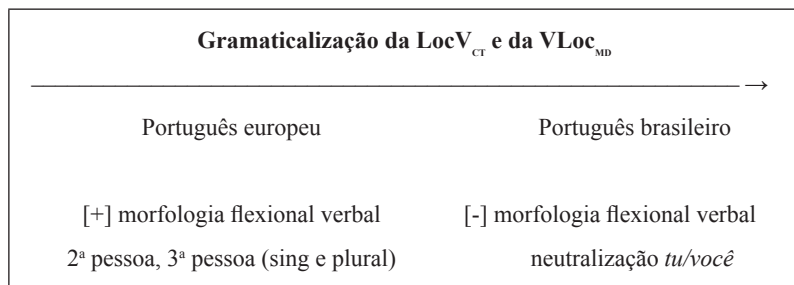


Figura 4: Cline de gramaticalização das $LocV_{CT}$ e da $VLoc_{MD}$ no PE e no PB

Na perspectiva da gramaticalização de construções, levando em conta as condições específicas de cada variedade de uma dada língua (socioculturais, cognitivas, estruturais), consideramos que uma mesma mudança linguística pode ocorrer segundo motivação, velocidade e modo distintos. Assim, para além das questões eminentemente teóricas que orientam a pesquisa no âmbito da *linguística centrada*

no uso, é preciso levar em conta, quando se trata da situação de língua usada em variedades distintas, tal como no caso do PB e do PE, que as rotas da mudança construcional ou construcionalização podem assumir contornos mais específicos, ainda que se trate do processamento do mesmo fenômeno. Por fim, resultados como os aqui apresentados, que ainda devem ser testados em outras fontes empíricas, devem ser levados em conta no próprio refinamento dos pressupostos teóricos que nos orientam.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Batoréo, Hanna. 2000. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. No prelo. Linguística cultural e o estudo do léxico em língua portuguesa (PE e PB): a linguagem-em-uso, os sentidos múltiplos e as operações de perspectivização conceptual, *Textos do I Congresso Internacional de Estudos do Léxico* (CIEL), Salvador: EDUFBA.
- Braga, Maria Luiza e Maria da Conceição Paiva. 2003. Do advérbio ao clítico é isso *aí*, em C. Roncarati e J. Abraçado (orgs), *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*, Rio de Janeiro, 7Letras/Faperj: 206-212.
- Bybee, Joan. 2003. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency, em B. Joseph e R. Janda (eds), *A handbook of historical linguistics*, Londres, Blackwell: 602-623.
- _____. 2006. From usage to grammar: the mind's response to repetition, *Language*, 82(4): 711-733.
- _____. 2010. *Language, Usage and Cognition*, New York, Cambridge University Press.
- Corpus do Português. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>.
- Croft, William. 2000. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*, Oxford, Oxford University Press.
- Croft, William e Alan Cruse. 2004. *Cognitive Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press.

- Diewald, Gabriele. 2002. A model of relevant types of contexts in grammaticalization, em I. Wischer e G. Diewald (eds), *New reflections on grammaticalization*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 103-120.
- _____. 2006. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006. Disponível em: www.constructions-online.de/0009-4-6860>
- Esteves, Maria Bárbara. 2012. *Variação linguística – subsídio para o estudo do léxico relativo ao ciclo do pão, numa zona raiana da Beira Baixa*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa. Inédita.
- Fischer, Olga. 2009. Grammaticalization as analogically driven change?, *Vienna English Working Papers*, 18 (2): 3-23.
- Goldberg, Adele. 1995. *Constructions: a construction approach to argument structure*, Chicago, The University of Chicago Press.
- _____. 2006. *Constructions at work: the nature of generalization in language*, Oxford, Oxford University Press.
- Heine, Bernd. 2002. On the role of context in grammaticalization, em I. Wischer e G. Diewald (eds), *New reflections on grammaticalization*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 83-101.
- Corpus Linguatca. Disponível em: <http://www.linguatca.pt/>.
- Martelotta, Mário Eduardo. 2006. Ordenação de advérbios qualitativos em -mente no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX, *Gratá*, 21: 11-26.
- _____. 2011. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo, Cortez.
- Martelotta, Mário Eduardo e Karen Braga Alonso. 2012. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua, em E. R. Souza (org), *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*, São Paulo, Contexto: 87-106.
- Noël, Dirk. 2007. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory, *Functions of Language*, 14(2): 177-202.
- Oliveira, Mariangela Rios. 2012a. Tendências atuais da pesquisa funcionalista, em E. R. Souza (org), *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*, São Paulo, Contexto: 133-152.
- _____. 2012b. Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil. *Linguística*, 8: 49-61.

- _____. no prelo. Contexto – definição e fatores de análise, em M. R. Oliveira e I da C. Rosário (orgs), *Perspectivas teórico-metodológicas da linguística centrada no uso*, Rio de Janeiro/Faperj.
- Oliveira, Mariangela Rios e Maria Maura Cezario (orgs). 2012. *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*, Niterói, Eduff.
- Oliveira, Mariangela Rios e Rossana Alves Rocha. 2011. As expressões “daqui vem” e “daí vem” como instâncias da construção LOC + SV no português contemporâneo. *Caligrama*, 16: 155-176.
- Oliveira, Mariangela Rios e Leonardo Pereira Santos. 2011. Padrões de uso da expressão ‘sei lá’ no português, *Signotica*, 23: 363-384.
- Oliveira, Mariangela Rios e Ana Claudia Machado Teixeira. 2014. Construções locativas de base verbal, em M. A. Furtado da Cunha (org), *A gramática da oração: diferentes olhares*, Natal, EDUFRRN: 117-142.
- Rocha, Rossana Alves. 2011. *As construções daqui vem e daí vem no português contemporâneo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói. Inédita.
- Tavares, Maria Alice. 2009. Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “ai” marcador de especificidade, *Gragoatá*, 26: 103-120.
- _____. 2012. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical, em E.R. SOUZA (org), *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*, São Paulo, Contexto: 33-54.
- Teixeira, Ana Claudia. 2010. *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: microconstruções e gramaticalização*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói. Inédita.
- Teixeira, Ana Claudia e Mariangela Rios Oliveira. 2012. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo-Locativo, *Veredas*, 16(1-2): 19-35.
- Traugott, Elizabeth. 2008. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English, em R. Eckardt, G. Jäger e V. Tonjes (eds), *Variation, Selection, Development Probing the Evolutionary Model of Language Change*, New York, Mouton de Gruyter: 219-252.

- _____. 2010. Gradience, gradualness and grammaticalization, em E. Traugott e G. Trousdale (eds), *Typological Studies in Language*, 90, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company: 19-44.
- _____. 2012. The status of onset contexts in analysis of micro-changes, em M. Kytö (ed.), *English Corpus Linguistics*, Crossing Paths, Amsterdam, Rodopi: 221-255.
- _____. No prelo. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, em E. Smirnova *et al.* (eds), *Historical construction grammar*.
- Traugott, Elizabeth e Dasher, Richard. 2005. *Regularity in semantic change*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Traugott, Elizabeth e Graeme Trousdale. 2013. *Constructionalization and constructional changes*, Oxford, Oxford University Press.
- Trousdale, Graeme. 2008. Words and constructions in grammaticalization: The end of the English impersonal construction, em S. Fitzmaurice e D. Minkova (eds), *Studies in the History of the English Language*. Vol. IV: *Empirical and Analytical Advances in the Study of English Language Change*, Berlin, Mouton de Gruyter: 301-326.